

PENSANDO A EDUCAÇÃO NO CAMPO: Interpretando os desafios e as diferenças para uma educação no campo, nas escolas do Campo no município de Santa Maria.

Ana Justina¹
Cesar De David²
Ivanio Folmer³

Resumo: Este artigo procura fazer uma reflexão sobre a educação do campo, procurando diferenciar uma escola do campo de uma escola no campo, como também, tentar compreender os indivíduos desse meio, levando em consideração fatores históricos, apontando a importância das escolas do campo, para a construção de uma sociedade igualitária.

Levam-se em consideração alguns processos didáticos, o que diz respeito à privatização da educação, conforme os processos impregnados na história. Nesse aspecto, surge a importância de uma educação no campo, e a qual sujeito ela vai se direcionar, foram discorridos alguns aspectos que mostram uma má aplicação de políticas para esse meio, apontando algumas camuflagens desse item pelos próprios representantes.

Destacamos algumas problemáticas, dentre as quais se ressaltam a necessidade da formação continuada para com os professores, como também apresentando dados e consequências da nuclearização e a multiseriação das escolas do campo, nesse sentido coube apresentar um dos maiores fatores que indicam o problema da construção de uma escola do campo, o despovoamento do espaço rural, que na realidade faz parte de uma questão de liberdade de escolha da mulher, hoje em dia é a própria mulher que decide se vai ter filhos, e quantos ela terá, porquê a mesma não vive apenas para satisfazer os afazeres domésticos. O fechamento de algumas escolas do campo está relacionada a este aspecto, pois há pouca presença de crianças e jovens vivendo no espaço rural atualmente.

O objetivo é entender como funciona as escolas neste espaço, como também analisar a dinâmica dos espaços que recebem as escolas, de fato

¹ Graduanda em geografia licenciatura – Universidade Federal de Santa Maria

² Professor Doutor em geografia- Universidade Federal de Santa Maria.

³ Graduado em geografia licenciatura – Universidade Federal de Santa Maria

interpretar como essas mudanças acontecem e quais os principais recursos que são utilizados para organizar e desenvolver na sociedade o respeitando, conservando sua identidade.

Palavras-Chaves: Escola no/do campo; nuclearização; multisserieação; despovoamento.

Resumen: Este artículo pretende hacer una reflexión sobre la educación del campo intentando diferenciar una escuela del campo de una escuela en el campo, como también intentar comprender los individuos de ese medio llevando en consideración factores históricos, apuntando la importancia de las escuelas del campo para la construcción de una sociedad igualitaria.

Son llevados en cuenta algunos procesos didácticos que se refieren a la privatización de la educación acorde a los procesos impregnados en la historia. En ese aspecto surge la importancia de una educación en el campo y a cuál sujeto va a ser dirigida, fueron mencionados algunos aspectos que revelan una mala aplicación de políticas para este medio apuntando algunos camuflajes de ese ítem por los propios representantes.

Destacamos algunas problemáticas de entre las cuales resaltan la necesidad de formación continua para los profesores, como también presentando datos y consecuencias de la nuclearización y las clases multigrados de las escuelas del campo, en ese sentido cabe mostrar uno de los mayores factores que indican el problema de la construcción de una escuela en el campo, el despoblamiento del espacio rural, que en realidad hace parte de una cuestión de libertad de elección de una mujer, hoy en día es la propia mujer quien decide si va a tener hijos y cuántos ella tendrá, porque la misma no vive solo para realizar los quehaceres domésticos. El cierre de algunas escuelas del campo está relacionado a este aspecto ya que hay poca presencia de niños y jóvenes viviendo en el espacio rural actualmente,

El objetivo es entender cómo funcionan las escuelas en este espacio y también analizar la dinámica de los espacios que reciben a las escuelas, también interpretar como esos cambios ocurren y cuáles son los principales recursos a ser utilizados para organizar y desarrollar en la sociedad, respetándolos y conservando su identidad.

Palabras claves: Escuela en/del campo; nuclearización; clases multigrados; despoblamiento

1. Introdução

Esse artigo foi desenvolvido no município de Santa Maria - RS, por participantes do GPET⁴ do curso de Geografia-UFSM⁵.

A temática do artigo se volta a uma preocupação dos integrantes, uma vez que o tema é pouco abordado por profissionais e educadores do município. Juntamente com a construção do artigo vem sendo desenvolvido um projeto de pesquisa financiado pelo PROLICEN⁶, onde a temática é semelhante, o projeto se intitula: “Educação do Campo em Santa Maria/RS: Educadores, Escolas e Comunidades Rurais.” Como o projeto ainda está em desenvolvimento, não nos proporciona levantamento de resultados que pudessem nos ser útil na construção deste.

Nesse artigo ficará evidente a apresentação de discussões e reflexões a partir de contextualizações feitas em torno da educação no campo, pretendendo entender a dinâmica que cerca o campo, esse entendimento se dá de forma essencial para a compreensão da grandiosidade do meio rural, considerando também as problemáticas que envolvem a precariedade desse local, que está inserida no capitalismo agrário, de forma consentida.

Nesse âmbito, a presente pesquisa tenta construir o levantamento de dados das escolas do campo do município de Santa Maria, abordando conceitos de educação, esclarecendo o que realmente é uma escola do campo, para tal foi revisto a diferença entre Escola DO campo e Escola NO campo, observando de forma geral as escolas que estão situadas no presente município.

1. Conceituando educação e a Educação no âmbito geral no Brasil

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” Paulo Freire.

⁴ Grupo de Pesquisa em Educação e Território.

⁵ Universidade Federal de Santa Maria

⁶ Programa de Licenciaturas

Desta maneira, com auxilio nos pensamentos de Freire (2001) quando o referido autor, usando termos diferentes fala que a postura dos orientadores, ou educadores, deve ser acima de tudo consciente, pois os educadores são pessoas que tem o poder de transformação. Além do mais, esses profissionais são pessoas que formam opiniões, e para ter acesso a essa informação, nem precisamos fazer um levantamento histórico, é só permanecer com os olhos voltados para a escola dos dias atuais, continuando, sendo dessa forma, o professor tem a obrigação de fazer com que o aluno pense de maneira crítica, assumindo nele uma posição política que age de forma coerente.

Segundo o Art. 205. Todos tem o direito à educação, e esse é o dever do Estado e da família, a sociedade tem como dever incentivar e colaborar com essa construção, exercendo assim seu papel de cidadão, proporcionando com que os indivíduos inclusos sejam pessoas qualificadas para se tornarem cidadãos atuantes.

Desde seu surgimento a educação era direcionada, para a elite, mulheres, índios, negros e trabalhadores rurais na antiga visão não precisavam de uma escola para trabalhar no meio rural.

Isso faz com que seja levada em conta a mudança do espaço rural e das classes sociais, a necessidade de mão-de-obra qualificada, a preocupação com o desenvolvimento não só do espaço, mas de conhecimento para os indivíduos do campo.

2. Levantamento histórico da Educação no Campo.

A partir da década de 1980 no Brasil começaram a surgir contextualizações da Educação no Campo. Para tal entendimento é preciso fazer levantamentos historiográficos que se remetem ao Império, transpassando pela trajetória dos diversos tipos de constituições, até finalmente focalizar o tema centralizado em instituições de ensino, onde o tema foi discutido e abordado, a começar por Luziânia/GO, no ano de 1998.

Para haver compreensão da temática envolvida que se volta para a educação do campo, é preciso desvendar os acontecimentos que cercam o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, o conhecido MST, somente assim será feito o entendimento do assunto.

O processo de globalização do Brasil invoca uma série de fatores que indica que houve muitas perdas em busca de progresso, a começar com os índios nos anos de 1500, quando houve o descobrimento do Brasil, começa a partir desse evento uma evacuação de bens naturais presente em nossas reservas naturais. Ao percorrer a história, também são evidentes os casos de abandono e exclusão, tanto social quanto político, envolvendo cultura e economia do País, ainda na atualidade, a realidade aponta uma sociedade que é neoliberalista, praticada por aqueles que não são beneficiados pelo processo de evolução das sociedades, ou seja, o sujeito que é descartado, ficando a beira da sociedade, a mercê de políticas necessárias para sua recolocação no meio.

Nas escolas dos dias de hoje, a escola contemporânea deixa a desejar em vários aspectos, nesse sentido, a escola não aborda adequadamente os problemas sociais, tão pouco o processo de exclusão. Ao pensar nisso, nos deparamos com educadores não preparados para trabalhar com questões mínimas e preparatórias, excluindo dos educandos algumas verdades que são construtivas, em alguns aspectos, em sala de aula ainda o Brasil está sendo “descoberto”, os índios são tratados como aquelas criaturas primitivas e sem cultura, isso os coloca como sujeito não participante da comunidade social, os negros continuam resistindo ao escravismo, sendo inferiorizados havendo uma comparação com os Europeus.

Para fazer a interpretação e levantamento do conceito de Escola do Campo esses aspectos são completamente relevantes para que possamos abordar a conceituação.

Recentemente, no ano de 2008 o governo do Estado do Rio Grande do Sul visualizou e instituiu o fechamento das escolas itinerantes pertencente ao grupo de luta mais conhecida do Brasil, anteriormente citado, o MST. Compartilhando o raciocínio de Maria do Socorro Silva (2004) A escola brasileira, desde o seu início até o século XX, serviu e serve para atender as

elites, sendo inacessível para grande parte da população rural (SILVA, 2004, p.1).

Com o fechamento de algumas escolas que fazem parte do espaço rural, os jovens e adolescentes tendem a parar de estudar, em alguns casos acabam indo para o ambiente urbano, muitas vezes impulsionados por seus pais, que tentam livrar seus filhos do trabalho braçal futuro.

Portanto a realidade do campo permanece estagnada, em relação à área urbana, sem muitas mudanças com o passar do tempo, sem o pequeno agricultor desempenhar novas formas de economia continuando a se utilizar de velhos métodos para agricultura, o mesmo se dá sobre a educação no campo, sempre retraído, obtendo pouco apoio para desenvolver novos métodos em sala de aula e sem força para incentivar os alunos.

Essa expressão fica evidente em uma citação de Leite (1999: 14)

A educação rural no Brasil, por motivos sócio-culturais, sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo, acentuado no processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos”. Isso é coisa de gente da cidade.

Historicamente a Educação do Campo é marginalizada no que diz respeito à construção de políticas públicas, em algumas dessas vezes é tratada como política compensatória. Poucos são os investimentos que se referem ao respeito no levantamento de teorias e estudos pelos acadêmicos de ensino superior, ou na própria formação de currículos que se voltam ao ensino médio.

3. Problemáticas

Nesse espaço serão demonstrados alguns problemas enfrentados, não somente nas escolas do campo do município de Santa Maria-RS, mas também algo que nos remete a educação do campo de todo o território brasileiro.

A nuclearização das escolas do campo, o despovoamento do espaço são um dos causadores de uma educação que ainda precisa se encaminhar para que se tenha um aprendizado com mais satisfação e organização das necessidades dos indivíduos do espaço rural.

4.1 Nuclearização.

A partir de estudos já levantados sobre o tema, ressaltamos um pensador, para começarmos a configurar o assunto nesse momento, Calazans (1993), apontam para a história da educação rural do Brasil como estando sempre entrelaçadas com a política econômica ditada pelas oligarquias rurais. Quer dizer com isso, que mesmo com a produção agropecuária produzido em todo o território brasileiro, colocando assim, muitas vezes o país em destaque ainda faltam concepções que se voltam à educação no campo, ou seja, a educação ainda fica a mercê da cidade.

No dicionário de Língua portuguesa temos o significado de Nuclearização, onde o mesmo refere-se ao ato de nuclear, ou seja, juntar, no caso da educação no campo de Santa Maria-RS, obtivemos dados que mostram que desde a década de 90 as escolas rurais do município recebem alunos oriundos de outras escolas do campo, escolas desativadas. Para fixação, o sentido de nuclearização se dá, com agrupamentos de escolas de pequena, onde a qual geralmente consiste em apenas um educador, então os sujeitos desse espaço são transferido para outros espaços, as chamadas EscolaNúcleo, que tem em si suas próprias características e organização de seu funcionamento, o sentido para que isso acontecesse seria a melhor educação a ser oferecida para seus educandos, com apresentação de didáticas e construção de metodologias diferencias.

As escolas núcleo – rurais têm por objetivo principal oferecer às comunidades rurais o ensino básico (educação infantil e ensino fundamental), através do agrupamento de pequenas escolas unidocentes em uma escola núcleo que tem por finalidade proporcionar uma educação básica de melhor qualidade, adequada à realidade do meio rural, oportunizando um efetivo programa de educação pelo trabalho e para o trabalho, contribuindo para a autopromoção do homem do campo a partir do seu contexto sóciocultural, incentivando sua fixação nesse meio,

organizando a população rural e sua participação consciente no desenvolvimento sócio-econômico e cultural da comunidade, valorizando a melhor utilização dos recursos disponíveis (FARAH; BARBOZA, 2001).

O fechamento das escolas do campo significa um retrocesso para essa área, pois esse fato vai contra toda a construção de luta que foi feita para se efetivar a educação nesses locais, inclusive o MST, lançou um projeto que se intitula “Campanha Nacional contra o Fechamento de Escolas do Campo” onde há discussões em torno dessa temática. Essa campanha tem como objetivo defender a permanência dessas escolas para que se mantenha a cultura e a produção dos produtos pelas pequenas propriedades rurais.

4.2 O problema do despovoamento do campo

Uma das causas para o fechamento de algumas escolas do campo ,é pelo fato de não ter tantas crianças e jovens morando no campo, pois além de ter o êxodo rural, surge a taxa de natalidade, pois hoje em dia na média os casais do espaço rural tem no máximo 3 filhos, e com idades diferenciadas, para ter a obtenção desses dados, não precisamos rebuscar muitos autores, esses dados são meramente observados, levando em consideração a realidade do campo, tornou-se interessante ressaltar que numero de alunos diminui cada vez mais, e as crianças estão gradativamente desaparecendo do campo. O que antes era comum, muitas famílias terem um numero bem representativo de filhos, hoje se ilustra com a diminuição desse processo de crescimento da taxa de natalidade, para representar esse fato, existem vários fatores, como próprio envelhecimento do campo, cada vez mais é comum observarmos o campo apenas com pessoas mais velhas, induzindo os novos, até então futuros agricultores, saírem do campo, em busca de realizações pessoais.

A ideia que estava impregnada no passado é que os casais deveriam ter o maior numero de filhos possível, assim haveria futuramente mão de obra o suficiente para trabalhar no campo, aumentando assim a condição da economia familiar, hoje em dia, com as propriedades dos pequenos

agricultores cada vez menores, não há necessidade de se conceber tantos filhos. Um dos fatos dessa representatividade é o fato de as mulheres estarem cada vez mais inseridas no mundo urbano, ou seja, são reesposáveis por essa mudança, hoje em dia as mesmas são mais independentes, estudam mais e geralmente saem de casa para fazer o ensino superior.

Mas o que norteia a nossa explicação de haver essa diminuição é a migração do homem camponês para os centros urbanos, em busca de novas formas de sobrevivência, tornando isso um problema, nomeado de êxodo rural, sendo ele o maior fator para que muitas, creches e escolas sejam fechadas e consequentemente se tornem uma escola de nuclearização.

4.3 Formação continuada

Da mesma forma que as pessoas se mantêm em contato com um mundo de informações, com outros profissionais da mesma área, até mesmo com áreas diferenciadas, traz benefício para seu meio de atuação, para tal faz-se necessário haver uma precursão, ou um acompanhamento desses profissionais que se formam e vão atuar no campo, para que esse educador se mantenha atualizado, aprendendo novos métodos, valorizando seu conhecimento sobre os temas didáticos, políticos, sociais e culturais, para que esse conhecimento sirva como estímulo para as crianças que serão abordadas em sua classe.

Há uma problemática dentro de todo esse esquema, por exemplo, como os professores das escolas do campo, se articulam para que possam participar dessa formação continuada? Ou melhor, como o professor do campo com interesse na formação continuada, se articula com as políticas pedagógicas? Então o problema é onde essas políticas são aplicadas e a forma melhor a ser abordada essa questão.

O Ministério da Educação (MEC) revela, no final da década de 1990, a formação disponibilizada aos professores brasileiros não contribuiu para que

seus alunos tivessem sucesso nas aprendizagens escolares (BRASIL/MEC, 1999).

4. Educação Do campo e No campo

A grande diferença entre a escola do campo e no campo é que , a escola do campo é aquela que os indivíduos que estão relacionados se reconheçam na mesma, pois não apenas ter um espaço físico no campo, mas sim com identidade do campo, e valorização do meio, a escola no campo é uma escola com estrutura física no campo mas sua metodologia é urbana, não tem nada tão específico para os educandos e a comunidade do espaço rural. Quando nos referimos a esses tipos de escolas, temos que ter o cuidado do que realmente estamos falando, para que tenha uma compreensão do espaço e o reconhecimento do mesmo.

Que tipo de educando será formado , quais são as necessidades dos mesmos e qual o papel do educador tem quem ter com a comunidade e educandos.

A escola do campo tem que ter a liberdade de ser construídas pela comunidade e

educandos , para suas identidades sejam fortalecidas e seja vista como uma cooperação do espaço rural.

O currículo escolar deve garantir á educação básica de qualidade, mas isso não obriga a escola do campo ser como uma escola do meio urbano.

As escolas do campo, de fato oferecem uma estrutura em grande parte das vezes fraca, ou melhor dizendo não é muito bem estruturada, um desses resultados é a evasão escolar e grande taxa de reprovações, como também a movimentação dos professores.

O conceito de educação no campo vem sendo construído nos movimentos que lutam pela terra de trabalho, organizadas na vida campesina-Brasil. (Marlene Ribeiro, 2010 p. 41)

O campo deixou de ser visto como apenas um espaço rural de onde se é retirado bens de consumo, e ser compreendido como um espaço onde existe vida e essa vida se relaciona com os demais sujeitos do espaço da

.

sociedade, e como os demais agentes dessa comunidade, consegue tocar a natureza. Uma vez que o significado de território é, segundo Fernandes (2006. P.28)

“o significado territorial é mais amplo que o significado setorial que entende o campo simplesmente como espaço de produção de mercadorias. Pensar o campo como território significa compreendê-lo como espaço de vida, ou como um tipo de espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana. O conceito de campo como espaço de vida é multidimensional e nos possibilita leituras e políticas mais amplas do que o conceito de campo ou de rural somente como espaço de produção de mercadorias.”

Grande parte das problemáticas que surgem no meio rural e envolvem a educação, não são problemas muito antigos, e sim problemas que envolvem momentos da atualidade, queremos dizer com isso, que as problemáticas giram em torno de políticas educacionais, que deixam esse assunto para segundo plano. Grande parte das escolas do campo até a década de 70 se quer haviam uma estrutura física montada, levando a comunidade a se organizar e construir locais improvisados que se direcionava a Educação. Relata teórico Baptista(2003) em um olhar sobre as instituições escolares rurais, ainda é possível se defrontar com escolas ou salas de aula funcionando em casebres, em ruínas, com professores e professoras sem acesso a processos sistemáticos de formação, com um reduzidíssimo número de funcionários, falta de materiais, entre outros problemas.

Para completar essa afirmação, concordamos com Carlos Rodrigues Brandão(1990) salvo raras exceções, a escola rural no Brasil é uma espécie de escola urbana mal equipada, com professores leigos e mal pagos, completamente desprovida de uma estratégia voltada para o campo.

Fica evidenciado que a escola é vista como abandonada pelo setor público, sem grandes investimentos, pouca formação, e raras discussões dos temas que se voltam para esse ambiente.

Um dos fatores da má qualidade da Educação no Campo são as chamadas Classes multisseriadas, esse fato também está expresso na difícil acessibilidade dos professores e dos alunos, e também na falta de formação

dos professores, pelo espaço físico ser deficiente, acaba colaborando o desempenho na construção de uma boa educação.

5. Educação e Capitalismo

Para fazer a interpretação correta do meio é necessário primeiramente compreender a relação entre o capitalismo e a educação, sendo que os mesmos ocupam o mesmo espaço, mas desempenham diferentes papéis, frente à comunidade, um sobrepondo o outro, nesse momento, é vivenciado o capitalismo que envolve a população do campo, o capitalismo que hoje é o modelo econômico é representado pela grande concentração de terras, que tem raízes históricas e culturais, com isso criou e fragmentou a comunidade rural estabelecendo a divisão das classes sociais. “[...] a combinação social dos processos de trabalho torna-se a opressão organizada contra a vitalidade, a liberdade e a independência do trabalhador individual” (MARX, 2008, p. 570). Desse ângulo, pode-se entender como necessário colocar em evidencia o papel do capitalismo para que possamos entender os outros processos que regem não somente o meio rural, mas como também a comunidade em geral.

Vivemos em um mundo neoliberal, aonde o capitalismo vem acabando com as identidades impregnadas no contexto histórico regional, com a fase do capitalismo vemos cada vez menos o Estado tomando posturas aceitáveis diante dessas situações, bem como responsabilidades para conservação e fixação de indivíduos nos seus lugares de origem.

O neoliberalismo ataca a escola pública a partir de uma série de estratégias privatizantes, mediante a aplicação de uma política de descentralização autoritária e, ao mesmo tempo, mediante uma política de reforma cultural que pretende apagar do horizonte ideológico de nossas sociedades a possibilidade mesma de uma educação democrática, pública e de qualidade para as massas. Uma política de reforma cultural que, em suma, pretende negar e dissolver a existência mesma do direito à educação (GENTILI, 1996, p. 244)

Concordando com Gentili, a educação hoje contribui para que se estabeleça cada vez mais um modelo neoliberal, e com isso atribui à educação um novo modelo com significado diferente, o que se entende como mercadoria, dessa

maneira fica a cada instante mais difícil a acessibilidade à educação para a classe menos beneficiada pelo sistema, deixando de ser um direito do cidadão.

6. Parte histórica da educação no campo em Santa Maria/RS

A região central do estado é onde está localizado o município de Santa Maria, a população total chega ser de 243.396, sendo que desse numero a maior parte reside na área urbana da cidade, então 230.468 moram na cidade e o restante, 12.928 habitantes residem no campo, segundo o senso de 2000, leva-se em consideração o tamanho do município, o mesmo conta com uma área de 1823 km². A rede escolar do município atende cerca de 1018 alunos, onde os educandos são atendidos com o ensino fundamental completo.

Até a década de 90 o município oferecia uma educação voltada a 1º a 4º série, cujas salas de aula eram multisseriadas, e os professores eram unidocentes.

No final dos anos 80, o município de Santa Maria contava, em nível de estado, com a maior rede de escolas municipais rurais. Assim é que, além de sete (7) escolas estaduais localizadas nas sedes distritais, encontravam-se em funcionamento na zona rural santa-mariense cento e vinte e seis (126) escolas integrantes da rede municipal de ensino, sendo quatro (4) dessas escolas do acordo PRADEM7 (Programa Estadual de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Municipal), isto é, escolas estaduais municipalizadas (SANTOS, 1993, p. 63-64).

A partir desse marco, as escolas começam a se tornar escolas nuclearizadas, então essas escolas recebiam alunos oriundos de outras escolas do campo, mas que tinham sido fechadas, então, com o auxilio do transporte escolas os alunos migravam de sua região de origem para outras escolas do campo, muitas vezes iam para escolas urbanas, pela proximidade dos locais.

Em decorrência da nova legislação do ensino brasileiro, a partir de 1972 houve preocupação da Secretaria Estadual, através da 8ª Delegacia da Educação e da Secretaria Municipal de Educação em regularizar as escolas de ambas

as redes no Município. Através de atos legais, as escolas passaram a ter seu funcionamento devidamente autorizado e/ou foram reorganizadas, algumas delas reduzindo e outras ampliando as séries do ensino fundamental. Muitas escolas rurais receberam, legalmente, uma denominação patronímica, recaindo a escolha do patrono, quase sempre, no nome do doador do terreno para a construção do prédio escolar ou em figuras de projeção histórica (SANTOS, 1993, p.63)

As classes multisseriadas, acontecem quando um conjunto de alunos de diferentes idades e níveis educacionais, na maior parte dos casos acontece em escolas do campo, acabam utilizando-se do mesmo espaço para a sua formação escolar, ou seja, se utilizam da mesma sala de aula. Segundo senso de 2009 existia 96,6 mil turmas de Ensino Fundamental nessa mesma situação em todo o território brasileiro, onde aparecia a Escola do Campo.

No que se refere ao tipo de organização dessas escolas, o Censo Escolar 2002 mostrou que 64% daquelas que oferecem o ensino fundamental de 1^a a 4^a série tem, exclusivamente, turmas multisseriadas. Essas escolas atendem 1.751.201 alunos no Brasil, resultando em turmas com, aproximadamente, 27 alunos, que são atendidos, como já citado, por um único professor que ministra o conteúdo relativo às quatro séries iniciais do ensino fundamental. No Nordeste, as escolas multisseriadas atendem a 1.027.935 alunos, num total de 34.477 estabelecimentos, o que perfaz uma média de mais de 29 alunos por turma. (FURTADO, 2004, p. 61).

O motivo que leva esse acontecimento é a baixa densidade populacional da zona rural, em outras palavras, acontece em muitos casos o êxodo rural, qual leva boa parte da população rural, ou do campo, procurarem condições de vida melhor, em outro local, muitas vezes o destino mais procurado são os centros urbanos mais próximos, outras vezes centros urbanos maiores e grande parte mais longe de seu local de origem. Com isso, diminui a taxa de natalidade do campo, e a cada vez mais as escolas recebem menos alunos advindos do campo.

A multisseriação serve a vontade da política que tenta usar a lógica da economia, pois sempre defendem as turmas multisseriadas, afirmado essa ser a única forma da educação chegar ao campo, ao debater essa temática os políticos se utilizam de discursos ultrapassados ou que não fazem sentido no que diz respeito a construção da educação, como por exemplo, usar a articulação familiar para transpor essa lei de multisseriação, explico, é

grande numero de famílias que residem no campo e tem filhos sem nenhum planejamento, com idades que variam bastante, sendo assim, caberia usar a mesma sala nas proximidades para que a educação fosse elaborada, seguindo nessa linha de percepção argumentam as distancias que os alunos deveriam percorrer até chegar em uma escola onde tivesse as turmas que correspondem a sua idade.

Observamos que as classes multisseriadas estão em segundo plano no âmbito da educação publica que se volta ao meio rural brasileiro, e essa mesma forma de educação se sustenta nos marques das sobras dos recursos pedagógicos, isso fica expresso na infraestrutura, pensamos logicamente, que o que é bom e o que é novo ficam nas escolas que pertencem ao espaço urbano, e o que já esta ultrapassado ou já gastado pela urbanização é jogado sobre a comunidade da zona rural. Para Silva(2007) é o

O desenho que se apresenta é de que (a classe-escola) multisseriada, assim como toda a educação do campo e o próprio campo como território, têm sido relegados a segundo plano, sendo essa modalidade oferecida nas regiões mais empobrecidas, com baixa densidade demográfica (SILVA, 2007, p. 33)

A Lei de Diretrizes e Bases do ano de 1996 abre espaço e invoca possibilidades para a educação do campo, tendo como objetivo fixar cada vez mais os indivíduos do campo, no campo, assim diminuindo as taxas de êxodo rural.

Segundo a secretaria de educação do município de Santa Maria, coloca que o município é exemplo em todo o Brasil pela qualidade da educação no município, e isso inclui as competências e compromisso com a gestão pública, bem como a aplicação de ações que são inovadoras para que se construa a cada dia mais uma educação igualitária e de bons serviços prestadas.

A visão desse setor é consolidar e qualificar a educação em Santa Maria, com uma visão sistêmica, tendo como objetivo o desenvolvimento profissional como também os processos educacionais.

“(...) uma escola do campo não precisa ser uma escola agrícola, mas será necessariamente uma escola vinculada à cultura que se produz, através de relações sociais mediadas pelo trabalho na terra.”. Arroyo (2004, p. 34)

No município existem hoje 10 escolas chamadas do campo, sendo que uma dessas, é voltada a educação infantil, o total de professores para atender toda a rede escolar rural do município se resume em 139 professores, sendo que apenas 6 são professores de geografia.

As diretrizes criadas no município que se retratam a educação no campo, tem por base orientação para a construção de uma proposta curricular que seja real, tanto quanto a realidade cultural e socioambiental, com isso também busca valorizar o individuo o situando o meio no qual essas pessoas moram, no campo.

Existe uma orientação que tem por objetivo analisar a metodologia e a didática na educação no campo, então com isso o material que é trabalhado nas escolas, são temas completamente abrangentes e contemporâneos, que tem o estigma ligado a vida e as ações humanas, onde se leva em consideração as escalas onde o sujeito é atuante, a começar pelo local, partindo para o regional e atingindo o global. Segundo a secretaria de educação, as práticas pedagógicas devem obrigatoriamente incluir atividades que envolva a realidade rural, mas que com o tempo muito dessas características vão se perdendo, como a prática de criação de horta familiar, redescoberta dos usos de ervas medicinais entre outros cultivos que se voltam ao próprio consumo.

A identidade da educação no campo do município, leva em consideração as carências dos alunos do espaço Rural e tem diversas áreas de atuação, então a identidade define-se ao tratar de questões que estão ligadas a realidade local.

Em nosso país, desde o final do século XIX, especialmente com a Proclamação da República, a educação ganhou destaque como uma das utopias da modernidade. A escola, por sua vez, consolidou-se como lugar necessariamente institucionalizado para o preparo das novas gerações, com vistas a atender aos ideais do Estado Republicano, pautado pela necessidade de instauração de uma nova ordem política e social; e a universalização da escola assumiu

importante papel como instrumento de modernização e progresso do Estado-Nação, como principal propulsora do “esclarecimento das massas iletradas”. No âmbito desses ideais republicanos, saber ler e escrever se tornou instrumento privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social. A leitura e a escrita - que até então eram práticas culturais cuja aprendizagem se encontrava restrita a poucos e ocorria por meio de transmissão assistemática de seus rudimentos no âmbito privado do lar, ou de maneira menos informal, mas ainda precária, nas poucas “escolas” do Império (“aulas régias”) – tornaram-se fundamentos da escola obrigatória, leiga e gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados. Caracterizando-se como tecnicamente ensináveis, as práticas de leitura e escrita passaram, assim, a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional, demandando, para isso, a preparação de profissionais especializados (MORTATTI, 2006, p.2).

7. Considerações finais.

A trajetória da educação no campo no Brasil, em especial em Santa Maria, tem caminhado durante os anos com discursos que não deixam de ser ideológicas, que vem por meio de discussões, mascarar a verdadeira problemática e a importância de políticas voltadas ao meio rural.

Todos nos sabemos que existem políticas pedagógicas que envolvem o campo, e isso ao mesmo tempo significa desafio, mas, quando não há essa política evolente, observamos um campo sem democracia, sem agentes participantes tornando-se esquecidos a cada dia.

Uma escola do campo deve sempre trabalhar com todos os tipos de tema, mas, de nada adianta levar aulas de reforço em inglês, por exemplo, se os educandos não tem a noção de como agir dentro de espaço que eles estão imersos.

O pensamento que cerca a escola do campo deve ser um pensamento aberto, observar com olhos que captam no espaço a transformação, pois o meio rural não cria rotinas, eles sempre está se mantendo em movimento, construindo e se reconstruindo a cada dia.

Hoje, mais do que nunca é o momento para colocarmos em prática todas as discussões, que até hoje poucas saíram do papel, não podemos sentar e observar as escolas entrar em “extinção”, com propostas oferecidas pelos

governos ditas como maravilhosas, como é o caso da Nuclearização e a multisseriação. Os novos professores que estão entrando no campo de trabalho tem por obrigação assumir posturas que encaminham a um movimento de transformação, inibindo assim o medo, e a falta de respeito para com essas comunidades que historicamente vem sendo abandonadas, tendo como objetivo a igualdade e dignidade para os alunos e comunidade do campo.

Para finalizar, a construção desse artigo nos possibilitou uma visão mais abrangente e apontou como é a grande a diversidade do campo e como é difícil entender as próprias metodologias dos acontecimentos. No âmbito geral, ficaram claras as deficiências e para isso mudar, há de ter uma conscientização de todos os setores, para que assim haja uma melhor capacidade de desenvolvimento de projetos que visam atuar nesse meio.

8. Revisão Bibliográfica

MARX, Karl. *O Capital*. Livro I. Vol.1. 26^a ed. Rio de Janeiro: Civilização econômica, 2008. Cap. XIII.

GENTILI, P., (org.) *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. 2^º ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, M. S. *Educação do Campo e Desenvolvimento: uma relação construída ao longo da história*. 2004. Disponível em: <http://www.contag.org.br/imagens/f299Educacao_do_Campo_e_Desenvolvimento_Sustentavel.pdf>. Acesso em 05/10/2013

BAPTISTA, F. M. C. **Educação Rural**: das experiências a política pública. NEAD/ CNDRS/MDA. Brasília: Editorial Abaré, 2003.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Ribeiro, Marlene. *Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade autonomia , emancipação: Princípios/fins da formação humana* – 1. Ed. – São Paulo: Expressão popular, 2010.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2001.

.

FARAH, Marta Ferreira Santos; BARBOZA, Hélio Batista. *Novas Experiências em Gestão Pública e Cidadania*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 296.

FURTADO, E. D. P. **O estado da arte da educação rural no Brasil.** Fortaleza: FAO/UNESCO, 2004.